

# O combate à fome no limiar do século XXI

*milkean*

Ricardo Abramovay \*

A segunda metade do século XX desfechou dois golpes fulminantes na idéia malthusiana de que o crescimento populacional está na raiz dos problemas alimentares mundiais e que somente políticas voltadas explicitamente para conter a expansão demográfica podem evitar o pior. Em primeiro lugar, ficou demonstrado o equívoco das previsões apocalípticas de que a fúria reprodutiva da espécie humana só seria contida pelo sinal de alarme que o esgotamento dos recursos naturais faria soar. O que mostra, de maneira persuasiva, o livro recente de Michel Husson ("Six Milliards sur la Planète — Sommes nous trop?", Ed. Textuel/Paris) é que os processos pelos quais a população humana tende a estabilizar-se são endógenos: eles não resultam das regulações bárbaras antevistas por Malthus, segundo as quais os pobres pereceriam por escassez absoluta de recursos.

A população reduz seu crescimento por escolhas sociais e não pelas imposições implacáveis da mãe-natureza. Os modelos biológicos que explicam

o tamanho da população em virtude das fontes de sua sobrevivência e do poder de seus predadores não podem ser aplicados automaticamente à espécie humana: a transição demográfica característica de todas as sociedades não tem paralelo no mundo

**Onde o crescimento populacional é alto, como em Bangladesh, e na Índia, o problema da fome se manifesta com severidade**

especialistas no tema. O horizonte mais provável fica muito aquém dos 12,5 bilhões de habitantes projetados ainda em 1992 por Donella e Denis Meadow, em "Beyond the Limits" (Earthscan Publication, Londres): a ONU estima que a população mun-

animal. É só entre os homens que o alongamento da esperança de vida, graças à melhoria das condições de existência, repercute, paradoxalmente, em redução populacional. Assim, embora importantes autores como Paul Ehrlich, Garrett Hardin e o casal Meadow ainda sensibilizem o público com o fantasma permanente da

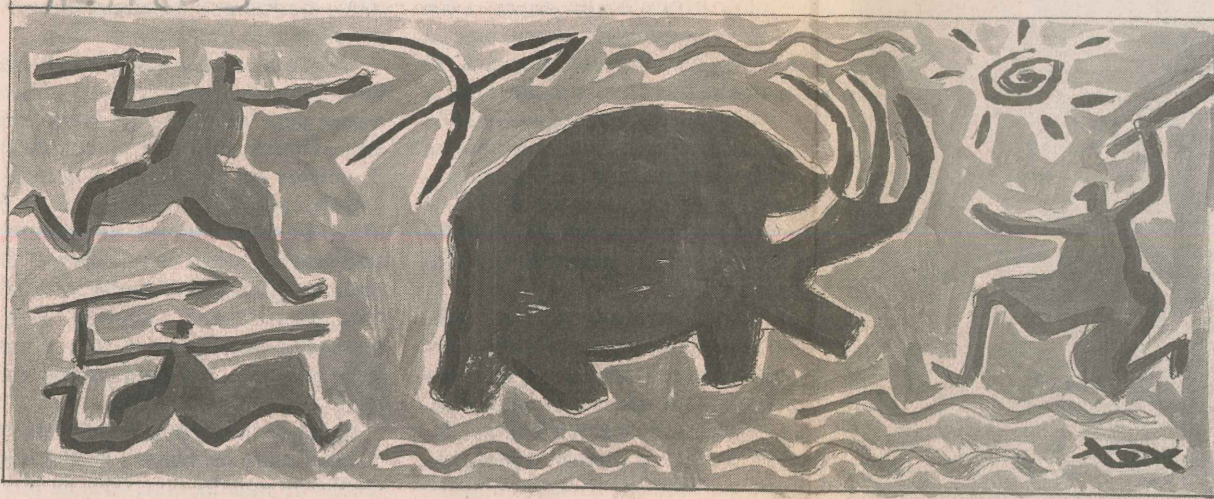
explosão populacional, a verdade é que a taxa de crescimento demográfico vem caindo no mundo todo e a um ritmo muito maior que o previsto pelos

dial se estabiliza em 2050 com 9 bilhões de habitantes.

Na realidade, o que preocupa é que a esmagadora maioria do aumento demográfico mundial virá dos países mais pobres e sobretudo de suas cidades: em 2150, a África ao Sul do Sahara deve passar dos 13% atuais para 26% do total da população mundial. Mas, mesmo nos países africanos, as projeções populacionais têm sido sistematicamente revistas para baixo. E isso em função de mudanças nos modos de vida e não em virtude de escassez absoluta de recursos. O segundo golpe recebido pela visão malthusiana refere-se aos recursos necessários à produção alimentar. Não é necessário ser um especialista no tema para saber que a humanidade produz o suficiente para que todos possam satisfazer suas necessidades nutricionais básicas há pelo menos 40 anos.

Os 3 bilhões de pessoas que virão aumentar a população mundial nos

próximos 50 anos ameaçam a estabilidade dessa situação? A resposta é definitivamente negativa. Até meados dos anos 80, prevalecia o temor de que o aumento no consumo de carnes e leite nos países em desenvolvimento seria insustentável e que o padrão alimentar em vigor nos países ricos não poderia estender-se às populações pobres. O que se constata hoje é que os países em desenvolvimento passam por mudanças tão decisivas em suas formas de consumo alimentar que um estudo recente do International Food Policy Research Institute (Livestock to 2020 — The Next Food Revolution) não hesita em chamar — com certo exagero — de "revolução pecuária" as transformações que se observaram nos últimos 30 anos. A conclusão mais importante do estudo é que a participação crescente de proteínas de origem animal na alimentação dos países em desenvolvimento traz um conjunto de riscos ao meio ambiente e



mesmo à saúde pública, mas não deve conduzir à escassez nas fontes de própria alimentação animal. Não haverá explosão dos preços dos cereais e oleaginosas como consequência do maior consumo de carnes e leite nos países em desenvolvimento.

O problema alimentar mundial concentra-se hoje nas áreas rurais das regiões mais pobres do planeta. Vem caindo a população atingida por formas graves de subalimentação, mas as estimativas atuais ainda são próximas a 700 milhões de pessoas. E é exatamente onde o crescimento populacional ainda é alto (Índia, Bangladesh e África Negra) que o problema da fome se manifesta com maior severidade. Mas aqui a ordem dos fatores afeta decisivamente o produto: uma das mais imediatas consequências da elevação da renda dos mais pobres é a redução no número de crianças por mulher.

Ora, se globalmente não existe problema de escassez alimentar, o mesmo não se pode dizer dos países em que se concentra a fome no mundo. Esses países não têm e não terão como importar os alimentos existentes e teoricamente capazes de matar a fome de suas populações. Por essa razão só é parcialmente verdadeiro dizer que o problema alimentar contemporâneo não é de oferta de alimentos. É fundamentalmente na agricultura que será possível gerar a renda necessária à melhoria da situação alimentar das populações ru-

rais gravemente atingidas pela subnutrição hoje. A verdade é que o mundo produz mais do que necessita para a alimentação: mas nem sempre se produz onde é preciso.

Essa constatação traz uma dupla consequência. Em primeiro lugar, o maior desafio da pesquisa agrônômica hoje não está mais em elevar a produtividade de maneira geral, mas de fazê-lo exatamente nas regiões do planeta que estiveram alijadas da "revolução verde". Alguns chegam a falar da necessidade de uma "revolução duplamente verde" que aumente os rendimentos do solo pela introdução de inovações biológicas que se apoiem no conhecimento dos processos naturais e dos procedimentos dos

**É na agricultura que será possível gerar a renda para a melhoria da situação alimentar das populações rurais subnutridas**

agricultores que vivem em regiões problemáticas, e não pelo uso em larga escala de insumos de origem industrial. Tanto mais que os ecossistemas em que

vivem as populações gravemente desnutridas estão entre os mais frágeis. A segunda consequência é que os países em que se concentra a maior parte das fronteiras agrícolas do planeta — como o Brasil — deveriam ser mais prudentes na abertura de novas áreas: correm o risco de sacrificar um patrimônio ambiental precioso para satisfazer uma demanda que nada indica ser explosiva. ■

\* Professor livre-docente do departamento de economia da FEA/USP e do programa de pós-graduação em ciência ambiental da USP.